

Priscilla Dibai

Universidade Federal da Bahia
– UFBA
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9181-7734>
Email: pdibai@gmail.com

Edson Dalmonte

Universidade Federal da Bahia
– UFBA
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0895-2132>
Email:
edsondalmonte@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob uma
licença [Creative Commons Attribution
4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

A militância bolsonarista em redes online: polarização afetiva e os impactos à comunicação democrática

*Bolsonaro's militance in online
networks:
affective polarization and impacts on
democratic communication*

*La militancia bolsonarista en las redes
online:
polarización afectiva e impactos en la
comunicación democrática*

DIBAI, P.; DALMONTE, E. A militância bolsonarista em redes
online: polarização afetiva e os impactos à comunicação
democrática. Revista Eco-Pós, v. 25, n. 2, p. 142-168, 2022.
DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27892

RESUMO

O artigo discute a interconexão de emoções na comunicação dos apoiadores de Bolsonaro, hospedados em uma comunidade digital na plataforma *Telegram*. Após dois anos de observação, sustentamos que os afetos, intensamente explorados neste estudo, produzem uma comunicação polarizada ancorada em blocos retóricos complementares e concomitantes de amor ao líder e ódio aos oponentes. Nesse sentido, propomos duas tipologias de culto à liderança: 1) Bolsonaro como maior que a democracia e 2) Bolsonaro como mais importante que os fatos. Defendemos que o bolsonarismo adota uma extensa e diversificada rede de inimigos além da esquerda. Sugerimos que a presença de afetos negativos não é o que torna o “bolsonarismo” potencialmente antidemocrático. O que afeta negativamente a democracia é como esses sentimentos constroem uma política de segregação e destituição do outro, promovendo a restrição democrática, não a expansão.

PALAVRAS-CHAVE: *Jair Bolsonaro; Comunicação; Afetos políticos; Telegram.*

ABSTRACT

The article discusses the interconnection of emotions in the communication of Bolsonaro's supporters, hosted in a digital community on the *Telegram* platform. After two years of observation, we maintain that the affections, intensely explored in this study, produce a polarized communication anchored in complementary and concomitant rhetorical blocks of love for the leader and hate for the opponents. In this sense, we propose two typologies of leadership worship: 1) Bolsonaro as greater than democracy and 2) Bolsonaro as more important than the facts. We argue that Bolsonarism adopts an extensive and diverse network of enemies beyond the left. We suggest that the presence of negative affections is not what makes "Bolsonarism" potentially undemocratic. What affects democracy negatively is how these feelings construct a policy of segregation and destitution of the other, promoting democratic restriction, not expansion.

KEYWORDS: *Jair Bolsonaro; Communication; Political affections; Telegram.*

RESUMEN

El artículo discute la interconexión de las emociones en la comunicación de los simpatizantes de Bolsonaro, alojado en una comunidad digital en la plataforma *Telegram*. Luego de dos años de observación, sostenemos que los afectos, intensamente explorados en este estudio, producen una comunicación polarizada anclada en bloques retóricos complementarios y concomitantes de amor por el líder y odio por los opositores. En este sentido, proponemos dos tipologías de culto al liderazgo: 1) Bolsonaro como más importante que la democracia y 2) Bolsonaro como más importante que los hechos. Argumentamos que el bolsonarismo adopta una extensa y diversa red de enemigos más allá de la izquierda. Sugerimos que la presencia de afectos negativos no es lo que hace que el "Bolsonarismo" sea potencialmente antidemocrático. Lo que afecta negativamente a la democracia es cómo estos sentimientos construyen una política de segregación y destitución del otro, promoviendo la restricción democrática, no la expansión.

PALABRAS CLAVE: *Jair Bolsonaro; Comunicación; Afectos políticos; Telegram.*

Submetido em 20 de Junho de 2022

Aceito em 22 de Julho de 2022

Introdução

No manifesto nazista *Mein Kampf* (Minha Luta), Adolph Hitler escreveu: “Aquele que deseja ganhar as massas deve conhecer a chave que abre a porta de seu coração. Essa chave não se chama objetividade, isto é debilidade, mas sim vontade e força”. E continua: “o povo se deixa guiar mais pela emoção do que pela razão” (1925, p.147). Em sua visão, os sentimentos não são complexos, mas simples e consistentes, “positivos ou negativos: amor ou ódio, justiça ou injustiça, verdade ou mentira; nunca, porém, o meio termo” (1924, p. 81). As mensagens nazistas eram orientadas a não deixar dúvidas, era apenas certo ou errado.

O déspota, cujo massacre produzido marcou o século XX, apostava em uma máquina de propaganda que penetrasse a mente do público por repetição, dizer o mesmo “milhares de vezes”, “os mais simples conceitos”, tudo em síntese, invólucros míticos, profunda emotividade, mensagens uniformes e peremptórias. Resumia a estratégia comunicativa em: “O estribilho pode ser iluminado por vários lados, porém o fim de todos os raciocínios deve sempre visar o mesmo estribilho” (Hitler, 1924, p. 32).

A menção ao quase centenário livro de Hitler, embora reflita um tempo-contexto irrepitível, é uma provocação às discussões deste artigo, que debate cenários comunicacionais de outro líder da extrema direita, porém recente, o presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, e sua base fiel de apoiadores. Valendo-se de dois anos de imersão em um dos grupos bolsonaristas mais populosos da Internet, hospedado no *Telegram*, debateremos a circulação de afetos em espaços de alto partidarismo e de matriz ideológica autoritária, refletindo seus papéis, formatos e sentidos.

Nossa hipótese é de que emoções extremadas e polarizadas são marcantes na interação grupal bolsonarista, a partir de polos retóricos de amor ao líder (fé, adoração, fanatismo) e ódio aos adversários (repulsa, discriminação, vontade de violência), contribuindo para uma comunicação segregativa, odiosa e até ficcionalizada, a negar/ignorar a realidade dos fatos ou evidências, em fidedignidade às crenças prévias, de natureza absoluta.

Assim, defenderemos que a base bolsonarista – ou seja, uma amostra da extrema direita brasileira do início do século XXI – (re)produz, enfaticamente, marcas de “amor” por Bolsonaro, edificando um processo de culto ao líder que há tempos não se verifica nesse espectro, no Brasil; e de aversão aos opositores, que apesar de não ser incomum na história política brasileira,

ressurge agravada, escancarada e potencialmente violenta. O trabalho busca ir além da ligação simplória e generalista do bolsonarismo a afetos “negativos” – comum na literatura –, problematizando a noção.

Para desenvolver nosso argumento, propomos duas tipologias ao que consideramos marcas de “amor” ao líder: 1) construção de Bolsonaro como maior que a democracia; e 2) construção de Bolsonaro como maior que os fatos. Sobre o ódio, ilustraremos como o bolsonarismo constrói uma ampla rede de inimigos, que ultrapassa a esquerda, seguindo pela direita, instituições, imprensa etc.

Interessados em capturar o “corpo vocal” bolsonarista, acompanhamos a conversação dessa militância por 24 meses (05/2019 a 05/2021, de forma não-participante), trabalhando diferentes casos, métodos e técnicas, a investigar textos e imagens. Essa comunidade, que já chegou a ter 42 mil membros, atualmente tem 34 mil.

1. (Des)Afetos e democracia

Na eleição brasileira de 2018, foi notada a presença de polarização afetiva (Fuks e Marques, 2022). Esse fenômeno, que ascende globalmente, envolve dois processos concomitantes: altos níveis de lealdade a um partido/líder/lema e extrema hostilidade ao bloco concorrente. Os direitistas manifestaram maior nível de polarização (Fuks e Marques, 2022) e se mantiveram mais engajados e conectados *online* em torno da liderança/causa do que os esquerdistas (Bursztyn e Birnbaum, 2019).

Nesse mesmo pleito, notou-se ampla difusão de materiais/discursos do tipo “amo a nós, logo odeio a eles” (Abranches, 2019; Almeida, 2019; Dunker, 2019), reforçando o que Abranches (2019) chamou de “hooliganismo político”, ou seja, um espírito violento de time, cuja torcida não se satisfaz apenas em vencer, mas em destruir toda a gama de adversários.

A identificação apaixonada leva o partidário a guiar suas escolhas políticas pela régua da afeição/desafeição, em detrimento ao conteúdo programático e ao debate ponderado, culminando num partidarismo hirto, acrítico, enviesado e intolerante (Abranches, 2019). Diante de emotividade intensa, a crítica e a derrota são descaracterizadas como etapas rotineiras do processo político e a tendência de abandono da reserva institucional aumenta, bem como o

desejo de vencer a qualquer custo, flertando com a violência e ameaçando a democracia (Levitsky e Ziblatt, 2018).

Os afetos políticos que levaram Jair Bolsonaro e a extrema direita ao poder no Brasil chamam a atenção pelo componente explicitamente autoritário, que inclui exaltações ditatoriais, sedimentos segregativos, soluções violentas, intolerância a pluralidade (religiosa, sexual, identitária, ideológica), desfazimento de consensos históricos, rechaço aos direitos humanos e rejeição a políticas de mobilidade social (Solano, 2018; Giorgio, 2019; Almeida, 2019; Ab'Saber, 2018).

No processo de ascensão desse ultradireitismo, as redes sociais digitais têm jogado um papel decisivo. É na internet que os partidários bolsonaristas, sobretudo os mais fanáticos, se unificam, articulam e constroem seu campo de guerra, rotinizando agressões, mentiras e ameaças, que circulam repetidas e intensamente, agravadas da ausência de ponderação ética (Giorgio, 2019; Abranches, 2019; Dunker, 2019; Cesarino, 2021).

Essa (des)carga odiosa e discriminatória ganha fôlego no subsolo das linguagens *online*, dos comentários anônimos, das vozes comuns (Giorgio, 2019). As discursividades ofensivas encontram e cultivam uma nova capacidade de emersão na posse das novas tecnologias, ganhando convergência, regularidade e adesão, a expor que o sujeito democrático não está isento de ódio, tampouco pré-disposto a domesticar paixões em nome do consenso e da deliberação (Giorgio, 2019; Dunker, 2019).

O afeto, ainda que não somente, é elemento importantíssimo na explicação do ativismo político. Para Honneth (2009), é a carga de insatisfação que ativa a vontade de reação nos sujeitos cujo reconhecimento social foi negado. No entanto, para que essa vexação ou fúria íntima se efetive na esfera pública, o contexto precisa favorecer os atingidos, permitindo partilha emocional e coletivização da insatisfação prévia.

Castells (2013) também entende os movimentos sociais como fundamentalmente afetivos. Ele menciona “esperança” e “indignação” como polos opostos (o primeiro positivo e o segundo negativo) que atuam interligados, no encorajamento à luta política. Segundo ele, esses sentimentos ativariam dois sistemas motivacionais humanos, a “aproximação”, que gira em torno da busca por um “futuro melhor”, e a “evitação”, relacionada à ausência de reconhecimento

social. Tal qual Honneth (2009), defende o incômodo individual como ponto de partida para uma insurgência coletiva posterior.

Conforme os autores¹, entende-se que os sentimentos negativos não são exclusivos de um espectro político, podendo ocorrer na direita ou na esquerda. Assim, *per se* e isoladamente, não se firmam inimigos declarados da democracia, uma vez que também podem servir a movimentos sociais de ampliação democrática, como no caso das lutas feministas ou antirracistas, que se valem da vexação para reagir às injustiças, propondo novos paradigmas de caráter inclusivo.

Kiffer (2019) reforça essa ideia, atribuindo ao ódio dimensão ambivalente e complexa, ao considerá-lo destrutivo e emancipatório ao mesmo tempo, funcionando como condensador e modulador de emoções e usos diversos. De um lado, estaria o “ódio político”, cuja matriz é inclusiva e relacionado à luta por reconhecimento. Do outro, bem diferente, a “política do ódio”, cuja base é excludente e se volta, principalmente, à destituição do outro, do divergente, restringindo seus acessos e direitos.

“Há um ódio cuja matéria é política e que se inscreve nos gritos contra o aniquilamento. Há outro ódio [...] que de fato se situa na base do que vimos acontecer no curso da eleição de Bolsonaro: apresentando-se inicialmente como um ódio da ou à política para se cristalizar em torno de uma política do ódio” (Kiffer, 2019, p. 62-63).

Assim, o nosso objeto, cuja prática comunicativa se ancora em táticas e enredos de guerra que ofendem, violentam e discriminam as divergências e oposições continuamente, opera pela restrição democrática e não pelo seu fortalecimento, integrando a chamada política do ódio, que leva ao limite a civilidade, os pactos discursivos e os protocolos e noções de bem comum e democracia.

2. Os afetos e a (in)verdade

O Brasil enfrenta um problema complexo no que tange à desinformação intencional, aqui entendida como o uso de fatos deliberadamente inventados ou propositalmente alterados/descontextualizados para enganar/influenciar pessoas. Diferentes trabalhos

¹ Tanto Honneth quanto Castells se concentram no viés da resistência, ou seja, na possibilidade de grupos oprimidos promoverem transformação social ou contestarem o poder constituído.

encontraram relação positiva entre a circulação de notícias falsas e as redes bolsonaristas *online*, desde o período eleitoral (Fausto Neto, 2018; Recuero, 2019; Gomes e Dourado, 2019) até o governo propriamente dito (Dibai, 2020; 2021; Nagakawa, Gomes e Cardoso, 2020; Cardoso et al., 2020; Tavares et al., 2021; Nascimento et al., 2021).

O caso brasileiro se mostra agravado, porque o processo de falseamento intencional da realidade envolve nada menos do que o presidente da República² e seu *staff*, exatamente quem deveria zelar pelo direito coletivo à informação fidedigna e honesta (Tavares et al., 2021), considerando seu posto de autoridade legítima e máxima do povo brasileiro.

Esse processo de desordem informacional pode ser lido como uma disrupção ético-comunicativa, com o Estado rompendo, afrontosamente, a obrigação de informar de forma devida à esfera pública. Também inverte responsabilidades, a transferir ao cidadão o encargo de checar a veracidade e correção das informações, o que tumultua e dificulta o processo de comunicação e sua função social (Tavares et al., 2021).

Habermas (2019) defende a informação verdadeira e fidedigna como prerrogativa à efetivação democrática. Ainda que não existam verdades *a priori*, sustenta que a ação comunicativa deve ser racionalizada, coerente e voltada ao bem comum, essencialmente condicionada à retidão dos prognósticos, possibilitando, a qualquer tempo, réplica, revisão e crítica. Os pressupostos de uma comunicação democrática passam por igualdade entre as partes, inclusão de todos, franqueza (exteriorizações com pretensão de verdade ou não deliberadamente falsas) e não-coerção (a triunfar o melhor argumento e não a força).

A racionalidade comunicativa proposta por Habermas se opõe ao conhecimento mítico (imagens totalizadoras e mágicas, que estatuificam a interpretação do mundo, supondo vínculos inquebrantáveis entre coisas desvinculadas), bem como à mentira deliberada. Nesse autor, as pretensões de verdade e validade funcionam como garantias a uma prática comunicativa exitosa. Quando não cumpridas, tornam suspeita a compreensão do real. Somente o argumento racionalmente válido, a partir de uma base objetiva, normativa ou valorativa intersubjetivamente reconhecida, propicia partilha de conhecimento e chance de consenso (em recusa à barbárie, violência e coerção).

² Polícia Federal identificou espalhamento de notícias falsas por IPs alocadas em prédios do Poder Executivo.

No contexto em que fatos importam menos e grupos ideológicos forjam a própria noção do real – a partir de intensa exploração dos contrastes sociais e fúria ao rival – as “verdades grupais” e crenças conspiratórias circulam como verdades absolutas. Acontecimentos/pessoas são severamente editados ou falsificados conforme interesses específicos e afetos servem de catalisadores no cotidiano de fazer crer, sufocando o debate crítico-ponderado e a objetividade empírica (Dunker, 2017).

Sobre essa problemática, Kiffer (2019) chama a atenção para o papel e legitimidade de cada sistema social. Por exemplo, lembra que a literatura e a arte podem, legitimamente, “fugir” da realidade e ser preenchidas de imaginação e sentimentos. No entanto, quando estruturas/agências não autorizadas socialmente, como é o caso da política, aderem à inventividade e emoções extremas, a sociedade acaba em alerta, com o falso substituindo o fato e o discurso perdendo sua verve explicativa.

3. Os dados

3.1. *Bolsonaro, epicentro de amor*

O movimento popular pró-Bolsonaro na internet nos remete ao mito do “líder infalível”. Essa noção, que surge do contexto do nazifascismo, faz referência ao fanatismo dos apoiadores às figuras autoritárias de Hitler e Mussolini. O termo dá conta que os partidários nazifascistas cultuavam a ideia do líder supremo, máximo, inigualável, fonte transcendente de verdade e heroísmo (Finchelstein, 2020).

Esses adeptos não ofertavam meramente apoio, mas sacrifício e entrega, forjando uma conexão poderosa, quase messiânica com os déspotas, a sobrepôr a razão pela fé e a crítica pela atração absoluta. Devotados, adotavam uma forma radical de subjetividade política, como se atados organicamente à liderança, cuja existência representava a própria salvação nacional e o completo triunfo sobre a decadência (Finchelstein, 2020).

Sem querer comparar os diferentes tempos-contextos, mas, ao mesmo tempo, sem perder de vista marcas históricas do extremismo de direita, a relação de obsessão da base³ com Bolsonaro merece registro e nota.

O presidente brasileiro tem se apresentado como o único capaz de “desesquerdizar” o Brasil, forjando o tempo todo que a nação corre riscos. A raiva que fomenta nos apoiadores, a criação de pânico sociomoraes, a propaganda agressiva das mãos que simulam uma arma, os pedidos para que a população se arme contra uma forjada ditadura petista, os apelos para que “metralhem” a esquerda ou filmem/denunciem professores em sala de aula são indícios de invocação da violência aberta (Alonso, 2019; Abranches, 2019; Gomes, 2019; Kiffer, 2019; Finchelstein, 2020).

Na comunidade *online* de partidários, a imagem mitificada é reforçada e consolidada. Bolsonaro é heroicizado de forma continuada e ostensiva, com seus apoiadores se intitulando “robôs do presidente”, “seus soldados” ou seu “exército”. Testemunhos de “Sempre estarei com o capitão!”, “Ninguém solta a mão do Jair”, “A pátria é nossa”, “Mexeu com ele, mexeu com a tropa” e “Apoiá-lo é uma dívida de honra” circulam com frequência, intercambiando expressões da enciclopédia militar com o extremismo popularesco de uma direita inflamada, que promete afundar o *establishment* e salvar o país, sustentada na visão megalomaniaca e deturpada de que representam a imensa maioria do povo brasileiro.

O culto a Bolsonaro é construído em diferentes planos: pessoal, político e religioso. Ele aparece como aquele que acabou com o PT (Partido dos Trabalhadores), a “barreira que impede o retorno do mal (a esquerda)”, o homem que encara o sistema corrupto sozinho, “o único que não se vende” e “o proclamador da segunda independência do Brasil”.

O presidente é reconhecido e aclamado como heterossexual de gestos rústicos, patriarca tradicional que chefia a família de perto, mesmo os filhos adultos, e presidente “sincerão” e “destemido”, capaz de “lacrar” com os adversários. Sua impolidez, rudeza, impetuosidade e agressividade não incomodam, pelo contrário, são ressignificadas como autenticidade, coragem e “ausência de frescura”.

³ A base estritamente fiel corresponde a cerca de 30% dos adultos brasileiros, conforme institutos de sondagem de opinião.

Os adeptos proclamam desde declarações de amor do tipo fã – “eu amo meu presidente”, “Bolsonaro até morrer”, “amor hétero pelo capitão” e “Bolsonaro *foverer*” – até a divinização de sua existência – “escolhido e ungido por Deus”, “sobreviveu à facada para governar”, “o Messias” que “enfrenta demônios”.

Imagem 1 – Exaltação ao líder



Fonte: grupo pesquisado

O fascínio pelo presidente leva os apoiadores a tratarem com absoluta seriedade enquetes e comentários aleatórios de internet, a articularem campanhas de *like/deslike* contra qualquer um que faça críticas, a compartilharem o mesmo conteúdo dezenas de vezes, bem como positivar todas as aparições de Bolsonaro na *web*. Essa mobilização constante sugere o quanto a militância da extrema direita é efetiva e ofensiva, deslocando para o meio virtual suas compulsões e incivildades.

3.2. Tipologias

a) Líder onipotente: maior que a democracia, mais forte que o comunismo

Os partidários bolsonaristas não escondem a descrença ou repulsão à democracia, a pedir explicitamente o retorno do autoritarismo, no que chamam de “intervenção militar com Bolsonaro no poder”. Em diferentes tempos-momentos entre 2019 e 2021, identificamos narrativas com esse teor na interação do grupo, que pediam desde a implantação de uma

ditadura militar até um novo AI-5, passando pelo fechamento dos poderes Legislativo e Judiciário.

As justificativas ao intervencionismo, quando existentes, se apoiam no pavor à esquerda e/ou na insatisfação com *establishment*, em alardes de “não há outra saída”, “o sistema inviabiliza o governo”, “o país está contaminado”, “precisamos acabar com os petistas”. Paralelas às narrativas pela ruptura institucional, há mensagens de exaltação ao regime civil-militar de 1964 e rememoração positiva de seus símbolos, como o slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o” ou fotografias dos generais-presidentes, com adição de Bolsonaro como o sexto ditador, seguido da frase: “Agora é hexa”.

Narrativas negacionistas, como se nunca tivesse havido ditadura no Brasil ou o completo apagamento da existência de corrupção e tortura no período, bem como a idealização e vontade de regresso a esse passado – quando se podia caçar e punir a esquerda aberta e livremente – também são marcantes⁴.

Os intervencionistas enquadraram o sistema democrático como fonte de desordem, vergonha e corrupção (de partidos políticos a sindicatos, de universidades à mídia), com recorrente hostilização às instituições. Com apelos emocionais e generalizantes, querem moldar a democracia às suas crenças e seus imperativos ideológicos. É como se o sistema – por legitimar dissonâncias e multiplicidades – precisasse ser destruído em nome da verdade ideológica, da opinião totalizante e da infalibilidade do líder (Finchelstein, 2020).

Acreditamos que as diferentes formas de repúdio à democracia reflitam o anseio do partidário por um governo “sem freios”, ou seja, para que Bolsonaro governe por decreto, com autonomia máxima e sem oposição. A baixa tolerância da base ao sistema democrático encontra respaldo na liderança⁵. Após eleito, Bolsonaro falou diversas vezes em estado de sítio⁶, promulgação de artigo 142⁷ (que no bolsonarismo é deturpado como autorização constitucional para intervenção militar) e implantação de ditadura⁸.

⁴ Ver mais detalhes em Dibai, 2020.

⁵ Bolsonaro romantiza a ditadura militar, afirma não confiar na democracia, ameaça o Estado Laico, propondo um Estado cristão e defende a tortura para confissões em crimes hediondos.

⁶ Ver <<https://www.youtube.com/watch?v=JPoBTmBR3dA>>.

⁷ <<https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/alertanacional/videos/todos-os-videos/jair-bolsonaro-garante-forcas-armadas-contra-eventual-lockdown>>.

⁸ <<https://veja.abril.com.br/blog/noblat/bolsonaro-repete-que-e-facil-implantar-uma-ditadura-no-pais/>>.

Além de exultado ditador, Bolsonaro aparece como força exclusiva capaz de aniquilar o comunismo, forjado como ameaça imediata. A aposta no que Ab’Saber (2018) chama de “comunismo inexistente” tem dupla função: mobilizar pelo medo, unificando o grupo em torno da extrema direita, e estereotipar a esquerda como inimiga dos valores e economia ocidentais.

Tanto o anticomunismo quanto o intervencionismo surgem ligados a enredos inverídicos e emocionalizados. Teorias conspiratórias ignoram relações tempo-contexto e são tecidas sem preocupação com a verossimilhança, propagandeando articulações presentes entre o Foro de São Paulo, as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), a mídia comercial e os falecidos Fidel Castro e Hugo Chávez.

O comunismo é construído como algo totalmente maligno: anti-família, anti-direitos, anti-liberdade, anti-riqueza, anti-cristianismo, anti-civilizatório. O esforço em produzir pavor ressignifica a ideologia como “escravidão”, “irmã do nazismo”, “assassinato em massa”, “conversão dos cidadãos em marionetes”, “seita satânica que erotiza crianças e as sacrificam depois”. Karl Marx e Friedrich Engels (pensadores comunistas) são representados como “adoradores do diabo”, “praticantes de orgias e badernas sexuais” e “marginais desintegrados da sociedade ocidental”. A cor vermelha, tomada como símbolo do comunismo e petismo, é associada ao inferno e satanás, bem como à rejeição deliberada dos valores judaico-cristãos.

Imagem 2 – Conteúdo anticomunista

<p>Texto de Olavo de Carvalho:</p> <p>10 PASSOS QUE FARÃO DO BRASIL UMA DITADURA SOCIALISTA</p> <p>1- STF soltará o Lula cinicamente, ao arrepio da Lei, junto com milhares de outros criminosos.</p> <p>3- Militantes do Foro de SP se infiltrarão nos movimentos provocando muita violência e até mortes, como estão fazendo em diversos países da América latina.</p> <p>7- A Câmara vai pedir o impeachment do Presidente.</p> <p>8- Lula receberá o apoio da ONU e de todas as ditaduras do planeta. O sistema vai te convencer de que ele foi injustiçado pelo governo fascista e todos vão esquecer seus crimes.</p> <p>9- Uma vez inocentado pela mídia e pelo STF, começa uma campanha bilionária pela volta de Lula à presidência.</p> <p>10- Uma ditadura finalmente é instalada no Brasil, sob um verniz de democracia e combate às injustiças.</p>	<p>AS ORIGENS SATÂNICAS DO COMUNISMO Karl Marx e Friedrich Engels foram os lançadores do comunismo, em 1848, com o famoso manifesto, escrito por Marx, baseado em um rascunho de Engels. Mas o comunismo nasceu antes disso. Seu verdadeiro criador foi o quase desconhecido Moses Hess, guru tanto de Marx quanto de Engels, que os converteu, separadamente, ao novo credo. Moses Hess (nome real Moritz Hess, um judeu apóstata, 1812/1875), ficou conhecido como o primeiro dentre os "jovens hegelianos" a admitir ser um comunista. Ele representava em Paris, de 1842 a 1843, o jornal radical Rheinische Zeitung (Gazeta do Reno), quando conheceu Karl Marx e, depois, Friedrich Engels. Após doutrinado por Hess, Marx e Engels se conheceram em Paris e, após muitos entendimentos, lançaram o Manifesto Comunista. Segundo o pastor romeno Richard Wurmbrand, prisioneiro dos comunistas por quatorze anos, autor de vários livros, Moses Hess, antes de proclamar-se comunista, praticava ritos satânicos, particularmente a Missa Negra (vide "Marx & Satan", Living Sacrifice Book Co; 1986, ISBN: 0891073795). Existem várias versões da Missa Negra, entretanto, todas são praticadas por marginais que não se integraram na sociedade ocidental e que a praticam como uma manifestação de sua rejeição aos princípios da civilização ocidental.</p>
--	--

Dossiê O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27892



Fonte: grupo pesquisado

As peças anticomunistas utilizam imagens de criança, em referência a um futuro ameaçado; fotos de ditadores, a generalizar os comunistas como facínoras (inclusive Hitler é enquadrado como esquerdista); além de foices, martelos e fundos vermelhos, facilitando o reconhecimento e a ojeriza. O curioso, nessa passagem, é o contrassenso bolsonarista, que criminaliza ditaduras/ditadores de esquerda, mas anseia e romantiza ditaduras de direita. Isso reforça trabalhos anteriores de que o bolsonarismo só destaca como perigo a ideologia do outro, como se o seu lado não fosse profundamente ideológico, antiliberal e violento (Ab'Saber, 2018; Alonso, 2019; Dunker, 2019).

b) Líder onisciente: maior que os fatos

A base fiel tende a admitir os discursos/gestos do presidente Bolsonaro como verdade incontestável, ao passo que deslegitima outras fontes concorrentes, como a mídia, a Ciência, as instituições da República e organismos internacionais (Dibai 2020; 2021; Nagakawa, Gomes e Cardoso, 2020; Tavares et al., 2020; Cardoso et al., 2021; Nascimento et al., 2021).

Empiricamente, acompanhamos a repercussão da militância a quatro pronunciamentos oficiais de Jair Bolsonaro (06/03/20, 24/03/20, 31/03/20 e 08/04/20), referentes à pandemia de Covid-19, no sistema público de rádio e televisão, focando nas primeiras quatro horas imediatamente sequenciais à fala presidencial (20h30 às 0h30), quando a reverberação geralmente é maior e mais concentrada. Nesse período, a comunidade oscilou de 28 a 32 mil membros.

Notamos que no primeiro discurso (06/03/20), Bolsonaro assumiu um tom mais moderado em relação ao tema, afirmando não haver motivo para pânico e se comprometendo a

seguir os especialistas. No grupo, naquele momento, a doença foi construída como um desafio, porém já com tendência de minimização dos efeitos e riscos: “houve pandemias piores”, “o clima brasileiro não favorece a doença”, “é terrorismo da imprensa”, “não matou tanta gente assim, só na Itália mesmo”. Além disso, circulou a teoria conspiratória importada dos Estados Unidos (do governo Trump) de que a China criara o vírus em laboratório para “dominar o planeta” e forçar a implantação do comunismo.

No dia 24/03/20, o discurso presidencial mudou radicalmente. O capitão chamou o coronavírus de “gripezinha” e pediu explicitamente o fim do isolamento social, com apelos pela abertura do comércio, bem como de toda rede escolar. Ele atacou governadores e criticou a mídia, a quem acusou de “histeria” e “espalhar pânico”. Foi nessa fala que afirmou ter “histórico de atleta” – o que, em sua visão, o pouparia da forma grave da doença – e citou a hidroxicloroquina (pela primeira vez nos pronunciamentos oficiais) como promissora solução ao vírus⁹.

Nas duas primeiras horas (20h30 às 22h30), apenas seis das 1.601 postagens¹⁰ discordaram explicitamente das declarações do presidente. Três mensagens se opuseram à flexibilização do isolamento; uma foi contrária à reabertura das escolas infantis e duas criticaram a falta de seriedade do presidente na condução da crise. No geral, a imensa maioria dos *posts* endossou as narrativas do líder. O foco do apoio girou em torno da “preocupação” econômica (“economia está em risco”, “isolamento promoverá o caos”), seguido de pesada crítica a governadores (“boicotadores da nação”) e à imprensa (produtora de alienação e pânico desnecessário).

Na primeira hora, o *link* do vídeo do pronunciamento (já hospedado no *Youtube*) foi (re)inserido mais de 15 vezes. O pronunciamento foi considerado “perfeito”, “excelente”, “extraordinário”, “sensato” e “pura verdade”. De um lado, demonstraram orgulho e confiança no líder; do outro, mobilizaram ressentimento e medo em narrativas contrárias à quarentena:

⁹ A hidroxicloroquina teve a primeira menção no grupo em 21/03/20, em *link* do site bolsonarista Jornal da Cidade Online, com título: “Brasil está fornecendo cloroquina que mostrou resultados promissores contra Covid 19”.

¹⁰ Esse número representa somente as mensagens que repercutiram o pronunciamento e inclui texto e imagem. Reduzimos o intervalo de quatro para duas horas, a fim de ler todas as postagens.

“Fique em casa e Venezuele-se”, “Pense no contracheque zerado”, “Haverá crise de abastecimento e demissões em massa”.

Imagem 4 – Reações aos pronunciamentos



Fonte: grupo pesquisado

A maioria também seguiu o líder na opinião de que apenas o grupo de risco (idosos e pessoas com comorbidades) devia ficar isolado, enquanto jovens podiam voltar ao trabalho imediatamente. O discurso pela “retomada da normalidade” se mostrou uma ficção interessante, como se o fim da pandemia pudesse ser decretado retoricamente, a gosto do bolsonarismo e a partir da exclusiva vontade grupal.

A crença de que jovens e perfis atléticos não morreriam de Covid-19 promoveu um tipo de celebração à juventude e aos fortes, construídos como fontes de potência e esperança à salvação da economia. Por outro lado, sugeriu a interdição dos idosos e vulneráveis, como se na condição de “fracos” sociais, só lhe restassem a reclusão, espera e sorte. A lógica bolsonarista, ainda que implícita, admitia a morte como o sacrifício que os fracos fariam para que os saudáveis – com histórico de atleta, tal qual o presidente – pudessem retomar a “vida normal”. A falta de empatia aos vulneráveis e a crença em sujeitos imunes é parte marcante – e cruel – do discurso do grupo.

No dia 31/03/20, em novo pronunciamento, o presidente destacou a hidroxiclороquina como “bastante eficaz”, mesmo contrariando pesquisas científicas. Já em 08/04/20, apresentou o medicamento como solução à Covid-19, fazendo ampla recomendação de seu uso. Nesse momento, se acentuaram as críticas ao então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, acusado de boicotar a liberação do fármaco. Na base, Jair Bolsonaro foi visto como o “pai” do

medicamento¹¹, o “líder que divulgou a droga ao mundo” e “ícone no enfrentamento da pandemia”. A hidroxiclороquina foi batizada de “remédio do Bolsonaro”, “Bolsocloroquina” e “HidroxiclороMito”. As tags #BolsonaroEstavaCerto ou #BolsonaroTemRazão foram replicadas em massa.

Na fala de 08/04, as reações no grupo se assemelharam às do dia 24/03, com intensa desqualificação da esquerda, emissão de longas sequências de elogios a Bolsonaro e forte ofensiva contra a mídia. A novidade foi o enquadramento do auxílio emergencial como resultado da exclusiva generosidade e boa vontade do presidente, apagando pressões sofridas e a indisposição inicial do governo em implementar o benefício.

Imagem 5 – Mensagens pró-hidroxiclороquina



Fonte: grupo pesquisado

Os dados sugerem que mesmo diante da negativa do presidente em atender recomendações/protocolos mundiais de saúde e frente a um número avolumado de mortes, os apoiadores não abandonaram o líder. Obcecados por sua infalibilidade, blindaram sua imagem e deslocaram a culpa para sujeitos-inimigos – esquerda, STF, mídia e governadores. Também conferiram dinamismo e amplificação impressionantes às suas retóricas, independentemente da verdade factual, bem como orquestraram ações de mobilização para positivar os gestos/falas do presidente em diferentes redes sociais.

O bolsonarismo editou suas próprias narrativas, mostrando que engajamento e afeto não estão apartados de formações intelectivas e intencionalidade. Dispostos a fortalecer o

¹¹ Embora a base atribua Bolsonaro como protagonista na difusão da cloroquina, foi Donald Trump quem primeiro forjou o medicamento como solução ao coronavírus.

presidente/causa, focaram nos curados, em contraofensiva ao discurso midiático que contabilizava as mortes. Forjaram conspirações e inseriram suspeitas de farsas e boicotes – certidões de óbito falsas ou enterro de caixões vazios – para contrapor as notícias sobre o grande número de vítimas fatais.

Utilizaram supostos especialistas – médicos ou cientistas – para disputar a condição de “solucionadores” da crise sanitária, oferecendo a hidroxicloroquina como cura e Bolsonaro como visionário. Realizaram pelo menos 12 ondas de protesto de rua em 2020, desrespeitando protocolos de saúde (aglomeração e uso de máscaras) e atacando o isolamento social, vacinas e instituições da República, em completo alinhamento ao discurso presidencial.

Em convergência com pesquisas anteriores, identificamos na conversação *online* desde opiniões vulgares – achismo e “eu-pistemologia” (Cardoso et al., 2021) – até tentativas de ancorar as crenças no discurso científico, buscando respaldo em médicos e artigos, ainda que de forma enviesada e seletiva (Nascimento et al., 2021).

A partir dos dados, notamos que Bolsonaro reinvoca o naturalismo-purismo como uma das bases de sua política esdrúxula de enfrentamento ao coronavírus. A defesa da contaminação em massa (o vírus atinge a todos e os melhor adaptados sobrevivem)¹², a sobreposição da economia à vida e a segregação da população entre “fortes” (jovens, saudáveis e com histórico de atleta) e “fracos” (idosos, doentes), bem como o total apagamento das desigualdades sociais, econômicas e raciais do país em um contexto de crise sanitária global, são notáveis em seus discursos/ações.

O governo brasileiro apostou em crenças infundadas e na inércia deliberada, que levadas ao extremo, produziram formas de terror. Tudo isso validado e reverberado por sua base fiel de apoiadores. O fanatismo em torno do “é só uma gripezinha”, “a cloroquina cura” ou “a vacina não deve ser obrigatória” levou milhares de vidas à destruição. Quando a morte é banalizada e a piada substitui o senso de dever e responsabilidade – “não sou coveiro”, “país de maricas” ou “sou Messias, mas não faço milagres” –, a destruição do sujeito se converte em algo aceitável e não-lamentável (Butler, 2017).

¹² <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml> e <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/07/e-como-uma-chuva-vai-atingir-voce-diz-bolsonaro-sobre-covid-19.htm>.

Se o presidente da República sabota, intencionalmente, medidas amplamente difundidas de preservação da vida humana, substituindo-as por uma guerra ideológica particular, baseada em desinformação e devaneios, o Estado flerta com a barbárie e o obscurantismo, rompe a ideia primeira do pacto social de proteção aos governados e o poder que então exerce passa a ser temerário.

3.3. Bolsonaro como epicentro do ódio: guerra aos inimigos

A militância virtual bolsonarista opera um belicismo radical, desproporcional e agressivo contra quem diverge de Jair Bolsonaro e não demonstra constrangimento ético ao fazê-lo. Nos 24 meses de observação da comunidade, notamos uma longa lista de inimigos construídos: esquerda, direita, instituições da República, imprensa, partidos, sindicatos, organizações não-governamentais, entidades de classe (Ordem dos Advogados do Brasil, por exemplo), empresas privadas¹³ e até conglomerados transnacionais como *Google*, *Facebook* e *Twitter*¹⁴.

Qualquer crítica ao presidente/governo pode ser o suficiente para uma ofensiva nas redes *online*, cuja duração pode variar de minutos (como contra Tamy Gretchen, Brigitte Macron, Papa Francisco) até sistemáticos meses/anos (esquerda, STF, Globo, Folha de São Paulo etc.).

Artistas contrários a Bolsonaro são associados à indulgência, imoralidade e até criminalidade. Felipe Neto aparece recorrentemente como pedófilo, pervertedor de crianças e defensor do aborto. Xuxa sofre as mesmas pechas, além de “pessoa problemática que não teve o amor do pai”. A cantora Anitta é tida como promíscua e “desprezível”. Já Pablo Vittar é associada ao disfuncional (“falsa mulher”) e ao ridículo (“vergonha”, “horrorosa”, “bicha louca”).

Diferentes artistas, mesmo aqueles que nunca foram beneficiários da política pública, são associados à lei *Rouanet*¹⁵, construídos como desocupados e desonestos, que enriqueceram graças a suposto patrocínio milionário do Estado. Esse tema envolve sempre desinformação, tanto sobre as personalidades denunciadas quanto no entendimento que a própria base tem da

¹³ Magazine Luiza, Natura, O Boticário, Huawei.

¹⁴ Tornaram-se alvo, após restringir e suspender perfis e contas de jornalistas, blogueiros e militantes bolsonaristas, além de apagar mensagens do próprio presidente.

¹⁵ Sancionada em 1991, a Lei 8.313 visa fomentar a cultura em vários níveis e facilitar a consolidação de patrocínios, por meio de incentivo fiscal, com dedução do imposto de renda.

legislação. Desde a posse de Bolsonaro, a cultura tem sofrido intenso ataque, com a lei *Rouanet* deturpada como “mamata” e mau uso do dinheiro público.

Imagem 6 – Ataque a personalidades



Fonte: grupo pesquisado

A ofensiva contra a esquerda é constante. Na conversação, jorram generalizações, enviesamentos e fraudes sobre o espectro. No tema direitos humanos, os esquerdistas são convertidos em defensores de pedófilos e bandidos. O feminismo é ressignificado como ódio aos homens, movimento de frustradas e feias ou defensoras da “indústria do aborto”. As lutas negra ou indígena são esvaziadas como divisionismo, pautas antinacionais e preconceito reverso. Movimento sindical, área artística ou universidades públicas são lançados na vala dos “improdutivos”, “maconheiros” e “mamateiros”. O debate sobre a legalização das drogas é simplificado como proposta da esquerda para destruir jovens, valores e a família.

Imagem 7 – Conteúdo distorcido sobre a esquerda



Fonte: grupo pesquisado

Na visão bolsonarista, tudo de ruim tem a ver com a esquerda, modalizada como grande ameaça e aquilo a ser combatido com “todas as forças”. Os esquerdistas são fabricados como conspiradores, corruptos, destruidores da nação, odiadores da família, bandidos e inimigos da liberdade, com o grupo construindo uma campanha sistemática e contundente de ódio e desinformação, na qual não cabe ponderação ou limites.

No episódio da soltura de Lula da prisão, membros mais radicais desejaram sua morte, falaram em assassinato, tiros de escopeta, “bandido bom é bandido morto” (Dibai, 2021). Manuela D’Ávila, alvo frequente, tematiza diferentes *fake news*, desde participação no atentado a faca sofrido por Bolsonaro até molduras de moralmente indulgente – “anticristã”, “odeia gays e feministas” e “usuária de drogas”. Uma vez comparada a Michele Bolsonaro, surgiu como seu oposto: “muamba chinesa”, “escória feminina”.

Tal qual Manuela, Jean Wyllys aparece estrategicamente associado a mentiras relacionadas ao atentado de Bolsonaro e posições anticristãs. Peças em circulação no grupo atribuem a ele falas inverídicas e absurdas: “quem crê na bíblia é um palhaço”, “cristãos são doentes”, “a pedofilia é uma prática normal” ou “o pedófilo tem papel fundamental no desenvolvimento sexual do menino”. Essas farsas reforçam a ojeriza, apelando a temas morais e vexatórios, lançando o desafeto na zona da malignidade profunda e condição de mal absoluto, portanto indefensável e passível de aniquilamento.

Imagem 8 – Postagens contra D’Ávila e Wyllys





Fonte: grupo pesquisado

As instituições da República também não passam ilesas. O Supremo Tribunal Federal figura como inimigo desde 2019. Para os apoiadores, o STF, composto por “esquerdopatas”, rivaliza com Bolsonaro e quer “mandar mais” do que o presidente, o que consideram inaceitável. Em suas visões, o Supremo precisa ser freado, limpo e refundado. Os ataques costumam vir acompanhados de mensagens intervencionistas: “Feche o STF”, “Acabou, porra” ou “Intervenção militar já”.

A prisão de bolsonaristas (a partir de decreto do ministro do STF Alexandre de Moraes, em 2020 e 2021) agitou os partidários, mesclando narrativas vitimistas em favor do endogrupo com ira explícita ao Judiciário. O clima de opinião acusava o Supremo de perseguir o bolsonarismo, rechaçar o presidente e violar a liberdade de expressão. A linguagem emocional-bélica foi levada ao auge: “O STF não vai nos calar”, “O povo está acima do STF”, “Ditadura do Judiciário”, “Inocentes presos por terem opinião”, “STF libera pedófilos, mas prende bolsonaristas” e “Defender Bolsonaro agora é crime”.

4. Direita

Mesmo em seu espectro matriz, o bolsonarismo não aceita concorrência, apostando na truculência como regra. Frente a uma indisposição, a militância desloca o sujeito-problema para a esquerda (espécie de campo pernicioso seguro), a despejar pavor e ódio. Quando não, hostiliza o desafeto como “falsa direita” ou “direita Nutella”, perfazendo o próprio grupo como a “verdadeira” e “pura” direita, em oposição ao que seriam os “vendidos” e “traidores”.

Esse jogo retórico foi notado na ruptura com Sérgio Moro, Movimento Brasil Livre (MBL), Rodrigo Maia, João Dória, Luiz Henrique Mandetta e Joice Hasselmann. Geralmente nesses casos

as narrativas-sínteses “Votei no Bolsonaro” e “Fechado com Bolsonaro”, convertidas em *hashtags*, atuam centrais na ativação da militância, desqualificando antigos aliados.

Tão logo ter rompido com o presidente, o ministro da Justiça e Cidadania, Sérgio Moro, antes ídolo e herói, foi desincorporado pela base como “incompatível ao bolsonarismo”. Sua imagem passou de ícone anticorrupção a traidor nacional, de excelente magistrado a ministro inerte, de ideólogo da lei Anticrime a político desarmamentista (característica negativa no grupo); de homem forte do presidente a aquele sem caráter que “abandona o barco”; de futuro ministro do STF a espião de George Soros.

Distorções informativas e teorias da conspiração também atingiram Moro, acusado de apoiar fraudes nas urnas eletrônicas, soltar presos na pandemia e atuar como agente secreto do “globalismo”. Foi rechaçado por vínculos com a Maçonaria (tida como seita demoníaca) e por ser “amigo da Globo”. Nem sua tese de doutorado foi poupada, compartilhada como documento “abortista”, “globalista” e “ativismo judicial”.

O caso do governador de São Paulo, João Dória, reúne, claramente, discursos odiosos, homofóbicos e machistas. Após assumir protagonismo na pandemia e rivalizar imagetivamente com Bolsonaro, foi hostilizado por piadas sexistas e maledicências sobre sua sexualidade. Seus modos de vestir e uma atribuída “ vaidade excessiva” foram forjados como provas de uma masculinidade controversa (e condenável), que atuou como reforço à desqualificação do seu caráter e atuação política.

Na *timelime*, foi alvo de palavras de baixo calão por meses seguidos. Recebeu uma enxurrada de apelidos depreciativos e difamatórios relacionados à homossexualidade. O caso Doria é um recorte de como o bolsonarismo se configura preconceituoso, agressivo, machista e incivil, quando na percepção da não-heterossexualidade.

IMAGEM 9 – Exemplos de ataques a João Dória e Joice Hasselmann

FOLHA DE S. PEDRO

UM JORNAL A SERVIÇO DA SACANAGEM



DÓRIA TESTA POSITIVO PARA VIADO

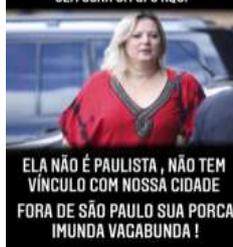
SÃO PAULO - Depois de uma análise muito crítica, pesquisadora concluiu que João Dória, governador de São Paulo, é a maior bocheta. "Os resultados não deixam margem para dúvidas", afirmou um dos cientistas responsáveis pela pesquisa. "Trata-se de um vírus clássico, depois que quisermos o nome, passamos a chapéu e escolhemos a família", explicou o pesquisador. Para o cientista paulista, fica o ampedramento de ter votado para o atual governador, a assessoria do Palácio Bandeirantes precisa não se manifestar. **Lata marta, PÁG. 5**



O DIABO VESTE CALÇA APERTADA



O QUE ESSA VAGABUNDA QUER FAZER, PREFEITA DE SÃO PAULO? NÃO SABE ANDAR 2 QUARTEIRÕES SEM USAR UM GPS AQUI!



Pedreiro que vazou o áudio diz que meteu o mangote em joice!



Fonte: grupo pesquisado

A deputada federal Joice Hasselmann, a segunda mais votada do país em 2018 (1,064 milhão de votos), que chegou a ser líder do governo na Câmara Federal, rompeu com o bolsonarismo em 2019, após declarar desavenças com os filhos do presidente. Desde então, foi vítima de uma gama de insultos, desde xingamentos gordofóbicos e machistas até comentários odiosos. Foi alvo de piadas, xingamentos e notícias falsas, inclusive de natureza sexual.

A estratégia com essa personagem foi destituí-la a partir da estereotipagem e rechaço de sua aparência, corpo, características físicas e gênero. Nas proximidades da eleição de 2020, a base a retratou como “forasteira” em São Paulo, reforçando um nativismo preconceituoso e excludente. “Não é paulista, não tem vínculo com a nossa cidade” ou “Fora de São Paulo, sua porca, imunda e vagabunda”. Também apareceu mencionada na *hashtag* misógina #PeppaMarmittaDePedreiro e na narrativa incomprovada “pedreiro mete o mangote em Joice”, que a acusava de manter relações sexuais com um pedreiro.

Conclusão

A conversação na comunidade bolsonarista do Telegram é marcada por altíssimo partidarismo e elevada emotividade, com produção de disrupções comunicativas que vão desde

a explicitação de discurso de ódio até a validação das ideias/falas do presidente, mesmo quando não comprovadas ou desmentidas por outras instâncias que disputam o controle da verdade.

Os laços de lealdade forjados são emocionais, mas também ideológicos, a produzir um ambiente quase fanático, com pouca manifestação de crítica e/ou oposição às crenças/discursos do líder. Mesmo o clima de opinião sendo fortemente influenciado por comentários orgânicos e por afetos que polarizam amor e ódio, há racionalidade, intencionalidade e elaboração meticulosa de discursos visando fins específicos, ainda que não se possa saber o quanto de profissionalismo existe nesses espaços. É fato que há uma militância orgânica expressiva atuando nessas redes.

Notamos que a comunicação bolsonarista tem um caráter extremado e até tautológico, ou seja, independentemente da ocorrência, personagens e temas, os dizeres tendem a reafirmar sempre a mesma posição: a infalibilidade do líder e o destrato extremo a quem não reconhece essa infalibilidade.

Apesar de a teoria já ter sinalizado desordens comunicativas no bolsonarismo, no artigo apresentamos dois polos marcantes dessa comunicação e buscamos refinar que não são os sentimentos negativos *per se* que corrompem o bolsonarismo, mas a filiação a uma política do ódio que transforma as redes sociais em máquinas de guerra, a promover violências, segregações e a destituição dos divergentes.

Além disso, analisamos essa militância em anos não eleitorais, detectando que mesmo após vencer o pleito, ela se manteve em estado de guerra, mobilizada e agressiva, o que parece um dado interessante, pela duração, efetividade e disrupção de suas práticas e narrativas.

Em nossa visão, as comunidades on-line bolsonaristas não interagem ou atuam somente para efeitos de convencimento ou persuasão grupal, mas organizadas à luta política, disputando efetivamente a agenda dos valores e a ampliação do poder político. Esse trabalho contribui para a compreensão de uma faceta da direita brasileira, que apesar de chegar ao poder por meio da democracia, a coloca em xeque, reascendendo 30 anos depois da redemocratização do país.

Referências bibliográficas

- ABRANCHES, S. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: Vários Autores (orgs). *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 11-34, 2019
- AB'SABER, T. Crise, alucinação e mentira: o anticomunismo do nada brasileiro. In ALMEIDA, R.; TONIOL, R. (orgs.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 117-142, 2018
- ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos Cebrap.*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019
- ALONSO, A. A comunidade moral bolsonarista. In: Vários Autores (orgs). *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.52-70
- BURSZTYN, V.; BIRNBAUM, L. *Thousands of small, constant rallies: a large-scale analysis of partisan WhatsApp Groups*. Asonam: Vancouver, 2019
- BUTLER, J. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017
- CARDOSO, T.; GOMES, R.; NAKAGAWA, F.; NAKAGAWA, R. A pílula mágica da gripezinha: a narrativa da cloroquina nos grupos bolsonaristas de WhatsApp durante a pandemia de Covid-19. *Revista Fronteiras*, vol. 23, n. 2, p. 175-189, maio/agosto, 2021
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª edição, 2013
- CESARINO, L. As ideias voltaram ao lugar? Temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. *Caderno CRH*, Salvador, v. 34, p. 1-18, 2021
- DIBAI, P. “Mesmo solto, Lula nunca será livre”: o cerco ao inimigo em grupo bolsonarista no Telegram. *Revista Compólitica*, v. 11, n. 1, p. 6-30, 2021
- _____. Bolsonarismo on-line: “Com ou sem democracia, salvemos o capitão!”. *Revista Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 16, n. 30, p. 177-211, 2020
- DUNKER, C. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In Vários Autores. *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 116-135, 2019
- _____. Subjetividade em tempos de pós-verdade. DUNKER, Christian et. al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: DUBLIENSE, p. 7-38, 2017
- FAUSTO NETO, A. Trajetos do corpo de uma mulher: construção e desmontagem de fake News na campanha digital de Jair Bolsonaro. In: CASTRO, P. (org.). *Circulação discursiva e transformação da sociedade*. Campina Grande: EDUEPB, p. 213-235, 2018
- FINCHELSTEIN, F. *Uma breve história das mentiras fascistas*. São Paulo: Vestígio, 2020

FUKS, M.; MARQUES, P. Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil?. In: *12ª Encontro da ABCP, 2020*, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB). Área Temática: Comportamento Político e Opinião Pública [...]. [S. l.: s. n.], 2020

GIORGI, G. Arqueologia do ódio: apontamentos sobre escrita e democracia. In KIFFER, A.; GIORGI, G. *Ódios políticos e política do ódio*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 81-132, 2019

GOMES, A. A política brasileira em tempos de cólera. In: Vários Autores. *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, p 175-194, 2019

GOMES, W.; DOURADO, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019

HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo 1*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012

HITLER, A. *Minha luta*, 1924. disponível em <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGFyZGluLm5ldHxmaXNpY2F8Z3g6MWE1MTdkOTNlZjcxMTVkmw>

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009, 2ª edição

KIFFER, A. O ódio e o desafio da relação: escritas dos corpos e afecções políticas. In KIFFER, Ana & GIORGI, Gabriel. *Ódios políticos e política do ódio*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 35-80, 2019

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *Como as democracias morrem*. São Paulo: Zahar, 2018

NAKAGAWA, R.; GOMES, R.; CARDOSO, T. Epistemologias mutiladas e a exploração política de vieses cognitivos: o negacionismo engendrado pela retórica bolsonarista em grupos de WhatsApp. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 14, n.3, set./dez. 2020

NASCIMENTO, L.; FONSECA, P.; JESUS, J.; OLIVEIRA, J. Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista Fronteiras*, vol. 23, n. 2, p. 190-206, maio/agosto 2021

RECUERO, R. Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições de 2018. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 16, n. 47, p. 432-458, 2019

SOLANO, E. *Crise da democracia e extremismo de direita*. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung - Brasil, 2018

TAVARES, M.; SOUZA, R.; HELLER, B.; VALERIM, P. Fake News, Hiper Informação, Desinformação, Fetichismo e pandemia na Web. Rio de Janeiro: Salute, *Anais XVI Colóquio Habermas e VII Colóquio de Filosofia da Informação Esfera Pública em Tempos de Internet*. p. 233-248, 2021.

Priscilla Dibai - Universidade Federal da Bahia – UFBA

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participa do grupo de pesquisa ANALÍTICA: análise de produtos e processos midiáticos contemporâneos (CNPq).

Email: pdibai@gmail.com

Edson Dalmonte - Universidade Federal da Bahia – UFBA

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenador do grupo de pesquisa ANALÍTICA: análise de produtos e processos midiáticos contemporâneos (CNPq).

Email: edsondalmonte@gmail.com